ROTAS DO SUL
UM DIA NOS ARREDORES DE PARISES

José António Santos - ESGHT
Margarida Custódio Santos - ESGHT

O passeio que hoje vos propomos pretende dar a descobrir uma região que não só se destaca pela sua beleza natural como pelo facto de estar aqui tão perto e de quase ninguém a conhecer. Daí a nossa tentativa de contrariar essa tendência através da presente proposta e do mote que desde já aqui lançamos: «Antes de ir a Paris, vá a Parises!».

Parises é uma pequena aldeia situada na Serra do Caldeirão no concelho de São Brás de Alportel, numa região que, geologicamente, pertence ao Maciço Hespérico e contém os terrenos mais antigos do Algarve e do País, constituídos por xistos e grauvaques aflorantes, de bonitos tons de cor-de-tijolo, cinzento-azulado, amarelo e creme, formados no Carbónico, período geológico compreendido entre os 370 e os 280 milhões de anos. Nestas rochas encontram-se alguns fósseis de *goniatites* – organismos marinhos actualmente extintos – e intercalações de quartzo leitoso.

A riqueza natural desta zona justifica a sua inclusão na Rede Ecológica Nacional e no sítio Caldeirão da Rede Natura 2000. As espécies botânicas mais representativas são o sobreiro, a esteva, o medronheiro e algumas espécies de urze, de rosmaninho e de tojo. As linhas de água, muito encaixadas, são marginadas por loendros, salgueiros, fetos, freixos, silvas e canaviais. Devido à sua tranquilidade, a serra é refúgio para espécies sensíveis como as águias e o lince ibérico – felino em vias de extinção. A raposa, o javali, o saca-rabos e aves como o peto-verde e o abelharuco também encontram aqui o seu *habitat*.

A vida na serra sempre constituiu um desafio para as populações que, desde os tempos mais remotos, aí têm vivido. A caça, a pastorícia, a produção de mel e a extracção de cortiça, associadas a uma agricultura de subsistência, são as actividades tradicionais desta zona. A produção de cortiça é, economicamente, a actividade mais relevante. Nos vales junto às ribeiras, onde os terrenos são mais férteis e a água não falta, ainda se vêem pequenas hortas cultivadas com todo o cuidado.

Os sabores genuínos dos alimentos serranos continuam a ser bastante apreciados – o galo caseiro guisado com batatas, as papas de milho com linguiça ou água-mel, os tomates fritos com ovos, ou o jantar de feijão.

As casas tradicionais, construídas com grauvaque, incluem a habitação, o forno de pão, o estábulo, o curral, o galinheiro, as pocilgas e o palheiro. As mais antigas têm paredes de pedra nua e pavimento de laje. Na sua maioria encontram-se abandonadas. Também, já vencidos pelo tempo, os moinhos de água e de vento guardam memórias dos tempos em que abundavam as searas.

Para chegarmos ao nosso destino podemos seguir por São Brás de Alportel em direcção a Alportel, aí virar à direita e seguir a indicação Parises, onde chegamos vinte minutos depois. Seguimos depois mais alguns quilómetros até Cabeço do Velho, onde estacionamos (por exemplo junto ao campo de futebol, onde também existe um café). Começa então aqui o passeio pedestre propriamente dito, para o qual aconselhamos calçado confortável, protector solar, uma mochila com muita água, algumas peças de fruta ou outros alimentos e, sobretudo, boa disposição e espírito aventureiro. A distância do percurso é de cerca de 10 quilómetros, a caminhada dura cerca de 3 a 4 horas e o grau de dificuldade é médio/exigente. Todo o trilho se encontra sinalizado, pelo que devemos seguir as indicações ao longo do percurso, passando pela aldeia de Barranco da Figueira, Várzea do Velho, Corches, Moinho de Fronteira, Ribeira de Fronteira (paisagisticamente é das zonas mais belas), Fronteira, Cerro da Cova, Azinhaga da Eira da Foia, e Cerro do Malhão (onde se pode ver um palheiro circular, que lembra uma construção pré-histórica). Para uma melhor indicação do trilho, junto inserimos um mapa da região com o percurso assinalado. Para os leitores mais apressados ou para os que não se sintam fisicamente em forma, existe também a possibilidade de fazerem parte do percurso comodamente na sua viatura, porém perderão talvez o mais importante do nosso passeio: o contacto directo com a natureza e o esforço do Homem em explorar os seus recursos, coexistindo em harmonia com ela.

BIBLIOGRAFIA

Branco, Conceição, *Rotas do Algarve*, Região de Turismo do Algarve, Faro.

Measures, John e Madge (1995), "Portugal Meridional", *Associação In Loco*, Faro,

Medeiros, Cristina e Reis, Custódio: "Entre Vales, Montes e Memórias da Serra do Caldeirão" (placa informativa do percurso), Câmara Municipal de São Brás de Alportel.

Moedas, Anabela *et. al.* (2003), *Guia de Percursos Naturais - Portugal Pé-Ante-Pé*. Bertrand Editora, Lisboa,

Santos, José António e Margarida Custódio (1997), "A Cultural Guide to the Algarve / Kultureller Füher über die Algarve", *Guialgarve*